

De JOÃO MIGUEL MOREIRA AUTO

POESIA DERRAMADA

A idéia é um elétron que de repente salta
de uma consciência para outra.
Quiçá um dia verei uma idéia solta
em rodopios no vazio e alta.

A melodia pode transbordar a pauta,
a flauta envivece o que a mão grava...
Assim, a poesia também, vence a palavra
e nos enche com o vazio que nos falta.

AGONIA

Na agonia eu amo a dor
que a arte transubstancia em hóstia...
Nela gozei o vivo estertor
de angústia.

A ESTATUETA SEM BRAÇO

(a Carlos Drummond de Andrade)

As estátuas não são como nós humanos.

Quando nos acidentamos
dói e sentimo-nos mal com isso.
Um homem de braço quebrado
é um homem feio.
Só os médicos é que gostam
de ver fraturas externas.

Mas a minha estatueta de barro
partiu-se e permanece ainda
tranqüila e absorta,
estranhamente viva
como só as estatuetas
sabem ser quando querem.

Na hora do acidente
não esboço um só gesto,
não soltou gemido,
não piscou o olho nem fez cara feia.
A bem dizer, não ligou a mínima.

A estatueta sem braço permanece agora
no mesmo lugar de sempre,
sentada na exata mesma posição,
olhando o mesmo ponto da parede.
Mas o que pode haver, afinal,
em uma parede apenas branca?
Nem eu mesmo haveria, aliás,
posto reparo n'alvura tal
se não fosse a estatueta de barro
com seu *voyerismo* insistente
brechando a lusira da parede nua.

Mas a estatueta me ensina
a olhar o vazio da parede
e muitas outras coisas também,
como sentar para não pensar em nada
mas apenas calar e dizer tudo
que só o corpo parado em silêncio
pode a curso dizer.

- Bom dia estatueta!

Ela não responde.

De braço quebrado
sabe-se completa,
diz-me sua verdade
(se verdade for),
age sobre mim
com membro de imaterialidade sinistra,
ancestral, diáfano e forte
como o braço do vento.

Sinto medo.

Como é bonita a estatueta sem braço!